

Exponha-se você mesmo

Que há de especial na história de uma pessoa qualquer? "Expor-se" é um fim em si "Diários Filmados e Autoretratos" do DocLisboa, enfrente um pudor subtil e

"Expose yourself!" diz, anunciando o seu programa, o protagonista de "David Holzman's Diary", logo nas primeiras imagens do filme. "David Holzman's Diary" foi realizado em 1967 por Jim McBride (conhecê-lo-ão pela sua futura carreira hollywoodiana apenas parcialmente convincente: "Breathless", "Great Balls of Fire"...), e não podia adivinhar que 40 anos depois se estaria em plena idade do "expose yourself", do "exponha-se você mesmo", via "reality shows", YouTube e demais parafênalia contemporânea.

Sendo um "fake", um falso documentário totalmente encenado e teoricamente próximo de interesses da "vanguarda" novaiorquina dos anos 1960 (o fascínio pelo dispositivo e pela sua desconstrução, pela fronteira entre realidade e ilusão, pela godardiana "verdade 24 vezes por segundo" que Holzman também cita), o filme de McBride - dia 23, 22h45, Pequeno Auditório da Culturgest - lança, tentando à sua maneira responder-lhes, questões essenciais quando se trata de pensar a exposição, e sobretudo a auto-exposição, em termos cinematográficos. Que significa, para um cineasta, "expor-se" num filme? Em que medida "exposição" e "encenação" se tornam sinónimos? A "representação" pode dispensar a "história", e vice-versa? Ou ainda, questão quase burlesca para o protagonista de McBride, "expor-se" é um fim em si mesmo ou um meio, uma procura? E se não houver nada a encontrar, nada a revelar?

O presente e o passado

Sem surpresa, boa parte dos filmes incluídos na secção "Diários Filmados e Auto-Retratos" do DocLisboa não deixa de integrar uma reflexão sobre a sua própria condição. Se bem que a linha de demarcação possa nalguns casos ser ténue, convém notar na distinção proposta pelo título da secção: diários filmados e "auto-retratos. Não é a mesma coisa. No seu

Jonas Mekas funde o documento com uma poética especial, não rejeitando o humor



Cinema



Jonas Mekas
Lost, Lost, Lost

Nasceu na Lituânia em 1922 e emigrou (com o irmão Adolfo, também cineasta) para os EUA depois da II Guerra. A sua importância na vanguarda novaiorquina foi (e é) inexcelsível. Verdadeiro "homem da câmara de filmar", realizou vários filmes diarísticos. "Lost, Lost, Lost" é um deles: uma montagem de "home movies" contando os seus anos (entre 1949 e 1963) de adaptação nos EUA. Pleno de sentido nostálgico (narração cheia de "gravitas"), funde o "documento" com uma "poética" pessoal, e não rejeita o "aparte" (o apontamento humorístico, o ensaio) como escala entre uma coisa e outra. Magnífico.

25, 20h45
Pequeno Auditório da Culturgest



Gilbert
La Pudeur ou L'Impudeur

A exibição televisiva de "La Pudeur ou l'Impudeur" chocou muitos franceses, em 1992. É um diário, filmado na fronteira entre o "pudor" e o "impudor", do quotidiano de Gilbert enquanto doente de Sida. As imagens do seu corpo emagrecido entraram para a iconografia da "era Sida". Discutiu-se a que ponto tudo não se tratava apenas de manobra exibicionista. Quase vinte anos depois, é possível um distanciamento. Exibicionista, mas também a expressão de um desespero cuja contenção é quase um "problema formal" para o filme. É preciso vê-lo - quanto mais não fosse, é único.

22, 22h45
Pequeno Auditório Culturgest



24, 22h45
Pequeno Auditório Culturgest

mesmo ou um meio, uma procura? Encontre a programação certamente um impudor calculado. *Luís Miguel Oliveira*



"JLG/JLG - Autoportrait de Décembre" (1994), Jean-Luc Godard insistia nesta tecla: "auto-retrato", não "auto-biografia", filiando o primeiro na tradição da pintura e a segunda na tradição literária. Teoricamente é uma distinção sustentável, mas será possível que, na prática, os seus termos se mantenham sempre estanques?

Nesta secção há, de facto, objectos passíveis de serem vistos como "diários filmados" (um presente captado e reflectido enquanto tal), "auto-biografias" (um passado, um património de vida, revistas a posteriori) e "auto-retratos" (a tentativa de representar uma personalidade, um "interior", um "invisível", numa plenitude para além do tempo e do espaço), mas a tendência é para que as coisas se encavalitem à medida que os problemas galgam as margens dos seus pressupostos teóricos. No seu "La Pudeur et l'Impudeur" (1991), Hervé Guibert diz (em afirmação que no seu contexto é "catártica") que o presente também é "toda a riqueza do passado". Talvez seja a frase ideal para fazer com que tudo se toque.

Para além do filme de Godard (que estreou em Portugal), outro aborda a questão do auto-retrato. É o filme do belga Boris Lehman, "Tentatives de se Décrire" (2005), integrado na sub-secção "A Tradição Experimental" - dia 20, 20h45, Pequeno Auditório da Culturgest. Lehman vive obsessivamente esta questão, desde há anos - quase toda a sua obra se centra na sua pessoa (trata-se de um confesso "narcisista"), e na procura de uma auto-representação que seja para ele satisfatória. Com um pormenor distintivo (que Lehman, cujos filmes têm humor, já transforma num "running gag"): a integração do fracasso. O seu filme não é uma "descrição", são "tentativas". As possibilidades do retrato são infinitas. Uma personalidade intuída como plena e definida estilha-se quando exposta, devolvida numa miríade de imagens. Este é o "fracasso" de Boris Lehman, e o confronto com ele faz a sua obra.

"La Pudeur ou l'Impudeur" é um caso extremo, por ser o filme que mais potencia a discussão sobre um "limite moral" para a auto-exposição

"Tentatives de se Décrire" aborda o estilhaço como um palimpsesto - Lehman vai buscar fragmentos de filmes antigos, comenta-os, sobrepõe os sons (a sua voz em 1989 e a sua voz em 2004), é um Lehman a filmar sobre outro Lehman.

Os homens-câmaras

"Le Filmeur" (2005), de Alain Cavalier, "Lost, Lost, Lost" (1976), de Jonas Mekas, "Glitterbug" (1994), de Derek Jarman: três filmes, bastante diferentes, de três "homens-câmaras" (o super 8 ou o 16, para Mekas e Jarman, o vídeo digital para Cavalier). É este último aspecto que os aproxima. Trocam a "encenação" pela "organização", trabalhando sobre imagens registadas no correr do quotidiano ao longo de períodos temporais mais ou menos dilatados (décadas, no caso de Mekas e Jarman). São, por isso, filmes que se aproximam mais de uma ideia de diário ou de autobiografia (embora se possa dizer, e talvez seja apropriado ao filme de Jarman) que as imagens colhidas à biografia são usadas para se constituírem em retrato, difuso, poético, mental.

Cavalier (dia 22, 14h45, Pequeno Auditório Culturgest), diarístico e ensaístico, filma um fragmento biográfico expresso, e se está no centro volta-se para o que está em redor - a família e a intimidade (é pela doença

que o seu corpo aparece). Em "Lost, Lost, Lost", Mekas conta a saga da sua vida na América entre os anos 40 (quando chegou, imigrante da Lituânia) e os anos 60 de expansão do "underground" de Nova Iorque (a lá com recuo (o filme é de 1976) e um trabalho nostálgico sobre a perda).

Que há de especial na história de uma pessoa qualquer? Pode-se contar a história de outras através de uma só pessoa? O balanço entre uma biografia individual e a sua capacidade para espelhar um destino colectivo alimenta os filmes de Alan Berliner, onde a montagem (de material de arquivo) e o procedimento central. Encontra os indivíduos na sua família (o pai, o avô), e através de pesquisa documental e iconográfica (filmes, fotos, papéis) consegue a proeza de fazer um relato biográfico explícito mas não estrito, descobrir a exemplaridade de uma vida sem a reduzir a expressão de um tipo socio-lógico: "Intimate Stranger" (1991), "19, 18h30, Grande Auditório da Culturgest" e "Nobody's Business" (1996), "19, 18h30, Grande Auditório". Tanto são histórias sobre a família de Berliner como sobre a imigração judaica para os EUA durante as primeiras décadas do século XX.

Caso extremo em termos de diários filmados é "La Pudeur ou l'Impudeur". Guibert, escritor, antigo amante de Michel Foucault, filmou-se a morrer de Sida. É um diário da decrepitude física, da morte a instalar-se no quotidiano, da tentativa de acabar tudo. O confessionalismo nada opaco e uma morbidez narcísica dividiram opiniões quando o filme passou na TV francesa, poucas semanas depois da sua morte (em finais de 1991). Podemos encontrar nele, no entanto, um pudor subtil e um impudor calculado, mesmo pensando que o título, "o pudor ou o impudor", é para se ler como um "que importa isso?". É e é um caso extremo, ainda, por ser o filme que mais potencia a discussão sobre um "limite moral" para a auto-exposição.

Chantal Akerman News from Home

A obra de Chantal Akerman está povoada de "figuras da solidão". Dominam os seus primeiros filmes, "Je, Tu, Il, Elle" ou "Jeanne Dielman", realizados à volta de 74/75. Depois do sucesso deste último título, Chantal (que era jovem, 25 anos), trocou por Bruxelas por Nova Iorque. Foi lá que rodou "News From Home", experimentando-se como "figura de solidão": planos de Manhattan, com a banda sonora preenchida pelas cartas enviadas pela mãe. Um modelo (memória afectiva em confronto com cenário estranho) a que voltou na sua obra futura. Espécie de auto-retrato da artista enquanto jovem desenraizada.



22, 22h45
Pequeno Auditório Culturgest

Derek Jarman Glitterbug

O cineasta de "Caravaggio", "The Garden" ou "Wittgenstein" foi sobretudo um esteta, dividido por vários interesses e campos de acção. Munido de uma câmara super 8, registou durante anos momentos da sua vida, pessoal, social, profissional. Montou-os em "Glitterbug", nos meses finais de vida (morreu em 1994). Jarman está no centro "autobiográfico", mas o tom elegiaco do filme (com música de Brian Eno), guiado por associações de ideias e de imagens, faz dele uma despedida, uma última recordação do mundo. É um "memento mori": gostamos particularmente da conjugação de flores e caveiras.



23, 22h45
Pequeno Auditório da Culturgest

Jean-Luc Godard JLG/JLG: Autoportrait de Décembre

Um "auto-retrato de Dezembro" porque "JLG/JLG" era Godard a filmar-se à entrada do Inverno da sua vida (o filme é de 1994, o cineasta tinha 64 anos). Como quase todo o Godard das últimas duas décadas, é a crónica de uma solidão, majestosa, desencantada, e teatralizada. Melancolia invernal e Godard a filmar-se como um vulto isolado do mundo, em casa ou nas margens geladas do Lago Lemán. O "fim do mundo" e o "fim do cinema" (que volta, apenas em sons: "Johnny Guitar", Boris Barnet...), longínquos ecos da infância, e um manifesto político contra a "Europa de Delors" e a burocratização cultural.